

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: SuplementoData: 31.05.59Class.: FrankePg.: 11 IXR0002**O índio que eu vi
em Mato Grosso**

VI DE UMA SÉRIE

O IRANCHE NASCEU DA PEDRA

EAZ TEMPO, os Iranches moravam juntos, dentro de uma grande pedra. Veio uma paca e começou a roer a pedra. Mas quebrou o dente e foi embora. Depois a cotia quis também furar a pedra. Quebrou o dente... Então vieram todos os animais; porém a pedra quebrou os dentes de todos eles. Veio ainda o picapau. E como a pedra já tinha um grande buraco, o pica-pau acabou de furar. Olhou... Estava cheia de Iranche. Saíram todos, menos um velho que não apareceu. Os que saíram taparam o buraco da pedra bem tapado, deixando o velho dentro. Ele ainda hoje está lá...

A IETÁ MATA

Os índios Iranches tem também uma flauta mágica: a ietá compõe-se de dois tubos de taquara emendados com cera de abelha. No primeiro tubo, há uma abertura estreita na parte superior, entre a curva interna da taquara e a cera que entope o resto do tubo. Um pouco mais abaixo, outra abertura que faz o som tomar corpo. No segundo tubo, há quatro buracos para as diversas notas.

A ietá tem dois complementos: um porongo com cera na boca para se adaptar aos lábios do tocador e uma penca de sementes e os cascos do piki, ligadasumas às outras, com fios de fucum. O porongo faz o baixo; as sementes do piki, amarradas na canela, batem o compasso.

Quando pela primeira vez, apresentam a ietá a um menino, este cai de joelho, baixa a cabeça e treme de medo. O pai de um recém-nascido, não pode tocar a ietá, porque senão o bebê morre.

Uma vez cheguei à taba Iranches às quatro horas da manhã. Não quis me apresentar, porque assim no escuro, podiam me estranhar. Estavam tocando a ietá. Fiquei ouvindo de longe. Era um som melancólico, sozinho e penoso. Não sei, mas me deu a impressão de que exprime a insatisfação de um espírito.

Afirmam os Iranches que, se as mulheres botam os olhos na ietá, morrem. Isto falam para as crianças e os estranhos. Entre os homens da tribo se diz de modo diferente: se a

mulheres veem a ietá, morrem os filhos dos homens.

QUANDO IRANCHE
NÃO QUER CHUVA

Como os civilizados, também os Iranches, um dia querem chuva e outro não, conforme o interesse e as circunstâncias do momento. Entre os Nambiquaras, por exemplo, quando ameaça chuva sem que eles a desejem, uma mulher sobe num grande cupim, muito comum no cerrado do Mato Grosso, e começa a jogar bafordas de fumo na direção da chuva, para ela ir embora.

Os Iranches têm cerimônia parecida. Apanham folhas do chão (não sei se indiferentemente), esticam o braço e desenham no espaço grandes círculos, em todas as direções. A chuva dá marcha-se e não vem.

OS MORTOS

Existe nas selvas do Mato Grosso uma espécie de coruja, que quando canta é por que algum Iranche vai morrer. Por isso, sempre que ouvem o "canto da morte", correm para dentro de casa e se sentam na rede. Se um Iranche cai doente, toda a tribo extemece de medo e começam a atrair os parentes do doente para lhes proporcionar algum conforto naquele momento difícil. Sobre, vindo a morte, os homens quebram os arcos e as flechas, numa encenação teatral, acompanhada da vozaria e lamúria das mulheres e das crianças.

Hoje, conhecendo a espingarda, atiram até ao último cartucho, em todas as direções, para assustar os espíritos. Uma vez assisti a uma morte de Iranches em Utiariti. Foi um tiro no peito dos seiscentos... Enterram os mortos dentro de casa. Não

observei se sempre com a cabeça virada para o poente, como costumam fazer os seus vizinhos, Nambiquaras. Todos os pertences do morto são enterados com ele. O lugar da sepultura é um lugar como outro qualquer, onde se pisa, se delta, se guarda os alimentos, etc.

Hoje é um guri forte, sadio, alegre. Não sabe falar a língua da tribo. Na fotografia aparece Urbâninho comendo arroz com colher.

PORQUE OS IRANCHES
SÃO TIMIDOS

Os Iranches estão numa situação geográfica um tanto melindrosa. Se sobem para o norte, descendo o rio Cravari, são com os terríveis índios Canoeiros, numerosos e antropófagos, conforme parece; se buscam o sol nascente, recebem a tremenda flecha do índio Belo de Pau; subir o rio Cravari não querem, porque iriam parar no divisor das águas, religião seca, árida e pobre; atraí-vestiam, sim, o rio Cravari, mas

"Mourdo, mourdo,
Pega teu dente podre
e me dá um sôlo".

Os Iranches em grande afeto às crianças. Manifestam de várias maneiras, menos com o beijo, que não o conhecem.

A CRIANÇA IA SER
ENTERRADA VIVA

Entre os índios Iranches, pareceu-nos, se a mulher morre de parto, sobrevivendo a criança, esta deve ser enterrada viva juntamente com a mãe. Em 1953 nasceu uma criança no rio Cravari, habitado dos índios Iranches. A mãe morreu de parto. Logo a criança devia ser enterrada viva com a progenitora. Não o fizeram porque a mãe, antes de morrer, pediu que não enterrassem com ela o fruto de suas entranhas, mas o entregassem ao P. João Evangelista Dornstaedter (missionário jesuíta entre os Iranches) que na ocasião estava presente. Atenderam ao pedido da jovem mãe. O Padre recebeu a criança e a levou para Utiariti, andando naqueles 100 quilômetros a pé, com o recém-nascido nos braços. Em Utiariti as Irmãzinhas da Imaculada Conceição tomaram de conta do Iranchezinho. Batizaram-no com o nome de Urbano,

O Iranchezinho que ia ser enterrado vivo nos braços da caridade cristã.



A civilização vai ao encontro da tribo Iranche

nao podem ir muito longe, porque se encontrariam com os seringuelros.

Parece que os índios Belos de Pau constituem o principal espantalho para a tribo Iranche. Uma vez um rapazinho Iranche de seis a 12 anos, me contou que um gurizinho Belo de Pau (pelo gesto do meu interlocutor o Belo de Pau devia ter 2 anos) matou um outro índio, flechando-o bem no coração. Se não foi verdade, pelo menos exprime uma mentalidade.

Quando em 1948 o P. Roberto Bannwarth esteve entre os Iranches, estes lhe mostraram cicatrizes nos braços, no peito e no dorso, explicando que tinham sido "índios brabos", é que dez deles tinham sido cortados em postas, assados e devorados. O padre pensou nos Nambiquaras, nos Belos de Pau e nos Tapanhumas.

Ora sabemos pelo contato que tivemos com os Iranches, que se trata de uma tribo essencialmente timida e acanhada. Será que essa timidez e esse acanhamento não tem seu fundamento psicológico na situação melindrosa em que se encontram os índios Iranches?

SE TRABALHAR,
MORRE

Os Iranches não fazendo exécção às outras tribus, têm poucos filhos. No nascimento do bebê o homem também tem o seu resguardo. Consiste em passar 9 dias sem fazer absolutamente nada. Não caçam, não pescam e não trabalham.

Quando a mãe espera um menino e evita uma menina, ou vice-versa, não quer e mata o novo fruto de suas entranhas.

Ao cair o primeiro dente de leite, deve ser jogado dentro de uma folha de abacaxi (nativo naquela região), porque senão não nasce o outro dente novo. Faz lembrar o costume secular do povo simples nordestino. Quando arrancam um dente jogam-no em cima da casa dizendo:

"Mourdo, mourdo,
Pega teu dente podre
e me dá um sôlo".

Os Iranches em grande afeto às crianças. Manifestam de várias maneiras, menos com o beijo, que não o conhecem.



Dos Iranches conhecidos a maioria já recebeu o batismo.